

# HEMOGRAMA pode prever CÂNCER

Em um estudo com 470 mil pacientes, pesquisadores constataram que um exame de sangue de rotina ajuda médicos a identificarem o risco da doença em pessoas com queixa de dor e inchaço abdominal. Ferramenta ajudará no diagnóstico precoce

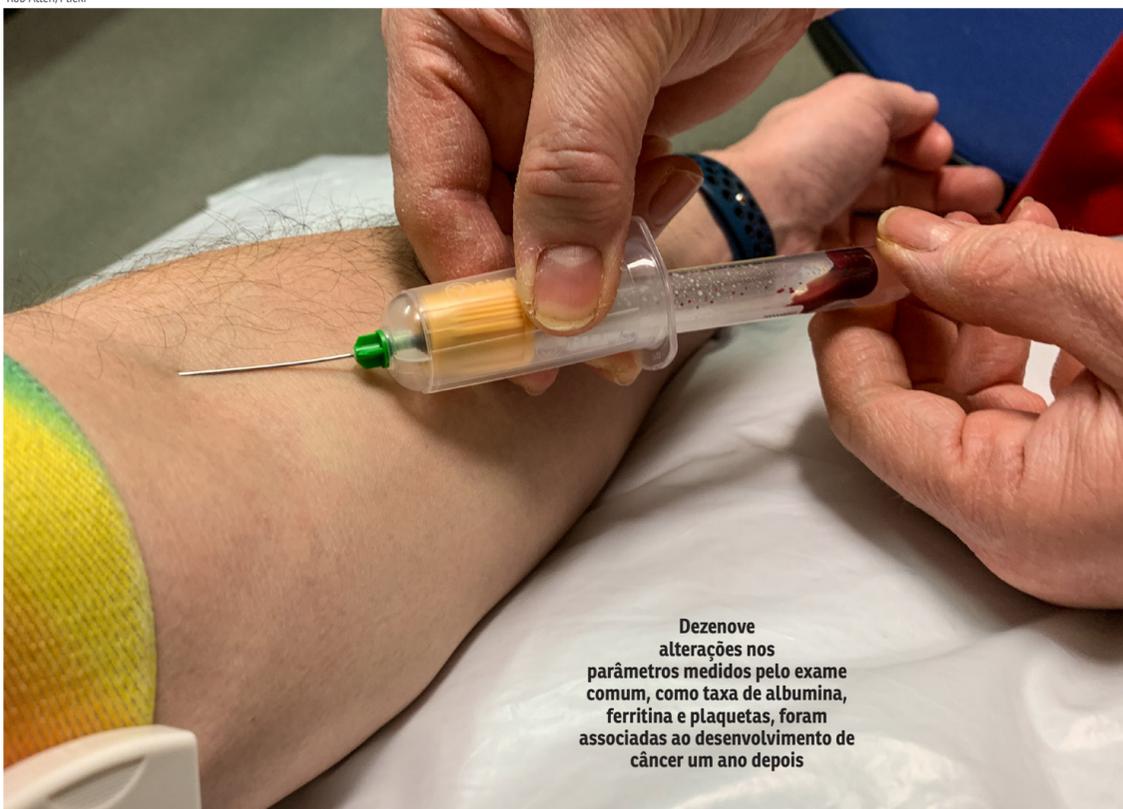
» PALOMA OLIVETO

A detecção precoce do câncer é essencial para o sucesso do tratamento, mas muitos pacientes descobrem a doença em estágios mais avançados, quando o arsenal terapêutico é mais limitado. Em um estudo com dados de 470 mil pessoas, pesquisadores da Universidade College London (UCL), no Reino Unido, descobriram que, combinada às queixas do paciente, a análise de 19 anomalias no exame de sangue comum pode ser um forte preditivo de tumor oncológico.

Na pesquisa, publicada na revista *Plos Medicine*, a equipe da cientista Meena Rafiq conta que usou informações de um banco de dados de saúde, o UK Clinical Practice Research Datalink, sobre pessoas acima de 30 anos que visitaram um clínico geral relatando dor ou inchaço abdominal. Esses sintomas podem estar associados a diversas condições, das mais simples, como constipação, até alguns tipos de câncer, como os de intestino e ovário.

O objetivo dos cientistas foi avaliar se um hemograma simples, de rotina, poderia ajudar o médico a direcionar os pacientes a exames mais sofisticados no caso de um conjunto de parâmetros anormais. "Muitos pacientes com câncer não diagnosticados se apresentaram ao seu médico de atenção primária com sintomas não específicos, que podem ser resultado de várias outras causas benignas, dificultando a determinação de quem justifica testes diagnósticos adicionais ou encaminhamento", justifica Rafiq, pesquisadora do Centro de Epidemiologia do Câncer e Cuidados de Saúde da UCL. "Há orientação limitada sobre sintomas não específicos de um determinado câncer para orientar a avaliação da doença e as decisões de encaminhamento."

Rob Allen/Flickr



Dezenove alterações nos parâmetros medidos pelo exame comum, como taxa de albumina, ferritina e plaquetas, foram associadas ao desenvolvimento de câncer um ano depois

## Indicativos

Dos 470 mil pacientes avaliados, 9 mil dos que relataram dor abdominal e 1 mil com inchaço foram diagnosticados, em um ano, com algum tipo de câncer. Os pesquisadores analisaram 19 resultados anormais nos exames de sangue coletados após a primeira consulta para ver se conseguiram prever quem tinha mais probabilidade de ter um tumor maligno.

Tanto em homens quanto em mulheres, de todas as faixas avaliadas, diversas anomalias sanguíneas mostraram-se indicativas do risco

de câncer. Por exemplo, esse foi o caso de pacientes entre 30 anos e 59 anos com sintomas abdominais, anemia, baixa albumina, plaquetas elevadas, ferritina anormal e marcadores inflamatórios. Em pessoas com mais de 60 anos, apenas a presença de dor ou inchaço foi suficiente para justificar um encaminhamento para o oncologista. O estudo mostrou quais tipos de câncer eram mais comuns com base na idade, sexo e anomalia detectada no exame de sangue. Entre mulheres com idades de 50 anos a 59 anos com anemia e inchaço abdominal, por exemplo, os tipos mais comuns foram os tumores de cólon e ovário.

No caso deste último, por exemplo, além de sintomas ginecológicos, há sinais que podem ser confundidos pelo paciente com doenças gastrointestinais. "As principais manifestações do câncer de ovário incluem desconforto e aumento do volume abdominal, dor pélvica, corrimento ou sangramento vaginal anormal, falta de apetite, alterações do hábito intestinal, vômitos, emagrecimento involuntário, tosse seca ou falta de ar", esclarece Solange Kuwamoto, oncologista e ginecologista do Instituto Paulista de Cancerologia. Segundo a médica, o tumor muitas vezes é diagnosticado já

avançado, devido à falta de métodos de rastreio efetivos.

## Diretrizes

É justamente para evitar que sintomas passem despercebidos, levando à detecção tardia, que Meena Rafiq defende o exame de sangue comum como ferramenta diagnóstica quando o paciente se consulta com o clínico geral. "Normalmente, as diretrizes se concentram predominantemente na presença de sintomas de alarme e no risco de câncer de um único órgão, com cada localização tendo diferentes investigações

## » Marcador de recorrência

Pesquisadores da MedUni Vienna, na Áustria, investigaram um marcador prognóstico que pode ser usado para identificar pacientes com alto risco de recorrência do tumor de estômago. Os resultados, publicados na revista *Scientific Reports*, podem melhorar o tratamento personalizado para a doença e aumentar as chances de sobrevivência dos pacientes, ressaltaram os pesquisadores. Eles se concentraram em um gene chamado AF1Q, que influencia vários processos celulares contribuintes para o desenvolvimento e a disseminação dos tumores. Até agora, porém, o papel da proteína no câncer gástrico era inexplorado.

recomendadas", diz. "Usar exames de sangue existentes pode ser uma maneira eficaz e acessível de melhorar o diagnóstico precoce de câncer em pessoas que consultam seu clínico geral com sintomas vagos", diz.

O estudo publicado ontem mostra-se a outra pesquisa, de 2020, da Universidade de Exeter, no Reino Unido. A equipe de Sarah Bailey, pesquisadora do Centro de Diagnóstico de Câncer da instituição, constatou que, em homens acima de 60 anos, a contagem muito elevada de plaquetas (325-400), mesmo na falta de sintomas mais evidentes, pode prever o risco de tumor de pulmão, próstata e cólon. "Uma contagem de plaquetas alta nem sempre significa que alguém está sofrendo de uma doença séria", esclarece Bailey. "Mas o marcador pode alertar os médicos do risco de câncer, dando a chance de o paciente ser encaminhado para investigações adicionais na primeira oportunidade."

# Antecessor do Ozempic reduz declínio cognitivo

A liraglutida — medicamento antecessor do Ozempic — pode retardar o comprometimento cognitivo em pacientes de Alzheimer, segundo uma pesquisa apresentada ontem na Conferência Internacional da Associação de Alzheimer na Filadélfia, Estados Unidos. O fármaco é um análogo do hormônio GLP-1, conhecido comercialmente como Saxenda. No estudo de fase IIb, com 204 pacientes do Reino Unido, o declínio de memória e raciocínio, entre outros sintomas característicos da doença neurodegenerativa, foi 18% menor entre os que fizeram uso da substância, comparado ao grupo placebo.

Os medicamentos GLP-1 foram desenvolvidos, originalmente, para tratamento da diabetes 2. Vários estudos observacionais e meta-análises associam a doença metabólica ao aumento do risco de Alzheimer. Além disso, uma pesquisa pré-clínica, em laboratório, vinculou previamente o hormônio à saúde cerebral, e um artigo de revisão descreveu que as moléculas da substância agem de duas formas contra a doença neurodegenerativa.

As evidências apontam para o corte da fosforilação da proteína tau — defeito que forma emaranhados nos neurônios — e do depósito de amiloide, blocos

gordurosos que destroem as células. Também foi observado o aumento da comunicação neuronal.

Para o estudo, os pesquisadores do Imperial College London, no Reino Unido, submetem os participantes a injeções subcutâneas diárias por 12 meses. O objetivo era avaliar se a liraglutida aumentava a taxa metabólica de glicose cerebral, o que não aconteceu. Porém, mesmo que o teste não tenha sido desenvolvido para avaliar a função cognitiva, ao comparar pacientes tratados daqueles do grupo placebo, os cientistas constataram que os primeiros tiveram melhora na pontuação de 18 testes de memória, compreensão, linguagem e orientação espacial. "Em pacientes que concluíram o teste, a mudança na cognição foi estatisticamente significativa", afirmaram os pesquisadores, em um comunicado.

Além disso, os pacientes foram avaliados com o exame de ressonância magnética. Os que receberam a liraglutida tiveram quase 50% menos perda de volume em várias áreas do cérebro, incluindo frontal, temporal, parietal e matéria cinzenta total. As partes menos afetadas foram as associadas a memória, linguagem e tomada de decisão, justamente as mais desgastadas pelo Alzheimer.

Sweet Life/Unsplash



Pacientes que receberam uma injeção subcutânea diariamente, por três meses, tiveram melhor desempenho nos testes

"A perda mais lenta do volume cerebral sugere que a liraglutida protege o cérebro, assim como as estatinas protegem o coração", disse, na nota, Paul Edison, professor de ciências do Imperial College London que liderou o estudo. Destacando a necessidade de mais estudos, ele afirmou que a liraglutida pode reduzir a inflamação cerebral, diminuir a resistência à insulina,

limitar os danos do beta-amiloide e tau, além de melhorar a comunicação das células nervosas.

Agora, o laboratório responsável pela liraglutida vai iniciar os ensaios de fase III. Para Tara Spire-Jones, neurocientista do Centro de Descobertas de Ciências Cerebrais da Universidade de Edimburgo, na Escócia, os dados são promissores.

"Há ligações claras entre fatores de risco vascular, incluindo diabetes e obesidade, e aumento do risco de demência. O medicamento GLP-1 deve ajudar a reduzir esses fatores de risco, bem como potencialmente proteger diretamente as células cerebrais", comenta a especialista, que não participou do estudo.

Pesquisadores da MedUni Vienna, na Áustria, investigaram um marcador prognóstico que pode ser usado para identificar pacientes com alto risco de recorrência do tumor de estômago. Os resultados, publicados na revista *Scientific Reports*, podem melhorar o tratamento personalizado para a doença e aumentar as chances de sobrevivência dos pacientes, ressaltaram os pesquisadores. Eles se concentraram em um gene chamado AF1Q, que influencia vários processos celulares contribuintes para o desenvolvimento e disseminação dos tumores. Até agora, porém, o papel da proteína no câncer gástrico era inexplorado.

Em suas análises de amostras de tumores de 182 pacientes que passaram por cirurgia para câncer gástrico na MedUni Vienna/University Hospital Vienna, a equipe de pesquisa liderada por Elisabeth Gruber (Departamento

de Cirurgia Geral) e Lukas Kenner (Departamento de Patologia) se concentrou no AF1Q. Este é um gene que foi descoberto inicialmente em conexão com cânceres do sangue, como leucemia, e agora é conhecido na pesquisa médica por sua influência em vários processos celulares que contribuem para o desenvolvimento e a disseminação do câncer. "O papel do AF1Q no câncer gástrico tem sido amplamente inexplorado até o momento", diz Elisabeth Gruber, descrevendo a situação inicial.

Como o estudo mostra, 178 das 182 amostras de tumores examinadas, ou seja, 97,8%, têm níveis de AF1Q moderadamente a significativamente elevados, associados a um risco maior de recorrência e menores chances de sobrevivência. "Isso qualifica o AF1Q como um biomarcador promissor que pode ser usado para avaliar melhor o prognóstico dos pacientes", enfatiza Elisabeth Gruber. "Nossos resultados justificam a inclusão do AF1Q no processo de diagnóstico", acrescenta Kenner. Especificamente, o marcador recém-identificado pode ser considerado ao examinar amostras de tecido do tumor para identificar um risco aumentado de recorrência em um estágio inicial e adaptar as medidas de tratamento individualmente. (PO)